

A  
DESTRUIÇÃO  
DA  
PALESTINA  
É A  
DESTRUIÇÃO  
DO PLANETA

---

ANDREAS MALM

---

***elefante***

**Conselho editorial**

Bianca Oliveira

João Peres

Tadeu Breda

**Edição**

Tadeu Breda

**Assistência de edição**

Érika Nogueira Vieira

**Revisão**

Erico Melo

Luiza Brandino

**Direção de arte**

Bianca Oliveira

**Projeto gráfico**

Mateus Valadares

**Projeto gráfico**

Mateus Valadares

**Capa**

Sidney Schunck

**Diagramação**

Sidney Schunck

**Conversão para Ebook**

Cumbuca Studio



A  
DESTRUIÇÃO  
DA  
PALESTINA  
É A  
DESTRUIÇÃO  
DO PLANETA

---

TRADUÇÃO  
NATALIA  
ENGLER

---

ANDREAS MALM

---

ESTE ENSAIO É UMA VERSÃO DA  
CONFERÊNCIA PROFERIDA PELO  
AUTOR NA UNIVERSIDADE AMERICANA  
DE BEIRUTE, LÍBANO, EM 4 DE  
ABRIL DE 2024.

# ENTÃO, COMPLETAMOS AGORA MEIO ANO DE GENOCÍDIO.<sup>1</sup>

Meio ano se passou desde que a resistência lançou a Tufan Al-Aqsa<sup>2</sup> e a ocupação respondeu com a declaração e a execução do genocídio. Meio ano, seis meses, 184 dias de bombas atingindo uma família após a outra, um prédio após o outro, um bairro residencial após o outro, de forma implacável e metódica. Meio ano de ossos cinzentos de crianças despontando sob os escombros, de fileiras de pequenos sacos brancos de corpos alinhados no chão, de uma menina mutilada pendendo da janela como de um gancho de açougue; meio ano de pais que se despedem dos filhos com uma compostura lúgubre, como se seus espíritos os tivessem deixado vazios e em branco, ou com espasmos incontroláveis de tristeza, como se não soubessem mais colocar um pé na frente do outro para dar um passo neste mundo; meio ano de uma dúzia de massacres por dia, execuções sumárias, atiradores de tocaia, escavadeiras passando por cima dos corpos e de todo o resto, e simplesmente não para, a coisa continua e continua e não para e então continua e avança mais e não vai terminar e simplesmente não para. É possível perder a cabeça de desespero assistindo a isso de longe. Se você se sente assim, tente imaginar como se sentem as pessoas que ainda estão vivas em Gaza.

O Estado de Israel está agora cometendo o pior crime já conhecido pela humanidade, e esse genocídio em particular tem algumas características únicas que o diferenciam de outros recentes. Em primeiro lugar, desde o início, esse genocídio foi “um esforço transnacional”,<sup>3</sup> coordenado e organizado pelos países de capitalismo avançado do Ocidente junto com o

Estado de Israel. Os Estados Unidos, o Reino Unido, a Alemanha, a França e a maioria dos outros membros da União Europeia imediatamente se apressaram a participar do derramamento de sangue, enviando dinheiro e armas para a ocupação como se fossem pratos para um banquete, sobrevoando Gaza para compartilhar informações de inteligência com quartéis-generais e pilotos, cercando esse Estado com defesas diplomáticas e, como se isso não bastasse, tirando as últimas migalhas de sustento dos palestinos. Agora que estes estão morrendo de fome e têm apenas a ajuda mais básica da Agência das Nações Unidas de Assistência e Obras para os Refugiados da Palestina no Oriente Próximo (UNRWA) para se manterem vivos, os Estados Unidos e o Reino Unido também estão retirando essa última tábua de salvação. Não estaria de todo errado concluir que querem que os palestinos morram.

Esse é o quadro do primeiro semestre desse genocídio. Até o momento, tem se tratado de uma cena monocromática de cooperação. Nenhum outro genocídio já registrado teve um quadro semelhante desde o Holocausto.<sup>4</sup> De Bangladesh à Guatemala, do Sudão a Mianmar, genocídios podem ter sido perpetrados com diferentes graus de cumplicidade por parte do núcleo capitalista, mas aqui estamos lidando com algo qualitativamente distinto. Uma comparação útil seria com o genocídio contra os muçulmanos bósnios — um acontecimento que moldou minha própria juventude política. Com um embargo de armas, o Ocidente negou àquelas pessoas o direito de se defender; ao se retirarem de Srebrenica, as forças holandesas entregaram conscientemente a cidade a Ratko Mladić; nos quatro anos de guerra, a dita comunidade internacional ficou de braços cruzados enquanto os muçulmanos bósnios eram dizimados. Mas esses foram sobretudo atos de omissão. O Ocidente não armou a Republika Srpska [República Sérvia] com as melhores bombas de seus arsenais. O presidente dos Estados Unidos na época, Bill Clinton, não voou para abraçar Slobodan Milošević. O massacre não foi

acompanhado pela repetição do refrão “os nacionalistas sérvios têm o direito de se defender”. O que vemos agora pode ser o primeiro genocídio do capitalismo tardio avançado.

Devo confessar um pouco de ingenuidade da minha parte: eu não esperava uma sede tão voraz de sangue palestino. É claro que não fiquei surpreso com o comportamento da ocupação. A segunda coisa que dissemos uns aos outros na manhã de 7 de outubro de 2023 foi: eles vão destruir Gaza. Vão matar todo mundo. A primeira coisa que proferimos naquelas horas não foram exatamente palavras, mas gritos de exultação. Aqueles de nós que vivem a vida com e para a Questão Palestina não poderiam reagir de outra forma às cenas da resistência tomando de assalto o posto de controle de Erez: aquele labirinto de torres de concreto e cercas e sistemas de vigilância, aquela elaborada instalação de armas e scanners e câmeras — certamente o monumento mais monstruoso à dominação dos povos que visitei —, de repente nas mãos de combatentes palestinos que haviam dominado os soldados da ocupação e arrancado sua bandeira. Como poderíamos não ter gritado de espanto e alegria? Sentimos o mesmo com as cenas dos palestinos atravessando a cerca e o muro e se dirigindo às terras de onde haviam sido expulsos; e, de novo, com os relatos da tomada, por parte da resistência, do posto de polícia em Sderot, colônia que passou por uma limpeza étnica antes de ser construída sobre a aldeia de Najd, ocupada em 1948.

Essas foram as primeiras reações que compartilhei com os que me são mais próximos. A segunda, porém, foi uma apreensão enorme. Todos sabíamos como o Estado de Israel se comporta e o que esperar dele. O que eu, pessoalmente, não esperava era em que medida o Ocidente se lançaria nos assassinatos em massa. É óbvio que eu deveria ter imaginado. Mas, a despeito da ingenuidade, os acontecimentos dos últimos seis meses voltaram a trazer à tona a natureza dessa aliança. O que, exatamente, une o Estado de Israel e o Ocidente de forma tão íntima? O que explica a

disposição de países como Estados Unidos e Reino Unido de se juntar a esse genocídio? E por que o império estadunidense compartilha o objetivo de Israel de destruir a Palestina? Uma explicação, ainda muito popular em partes da esquerda, é o poder do lobby sionista. Voltarei a esse ponto.

# UM DOS COMPONENTES DA DEFINIÇÃO DE GENOCÍDIO É A “DESTRUIÇÃO FÍSICA TOTAL OU PARCIAL” DO GRUPO DE PESSOAS VISADO;

e, em Gaza, uma categoria central é precisamente a da destruição física. Já nos dois primeiros meses da ofensiva israelense, Gaza foi submetida a uma aniquilação brutal.<sup>5</sup> Ainda antes do final de dezembro de 2023, o *Wall Street Journal* relatou que a destruição de Gaza se igualava ou excedia a de Dresden e de outras cidades alemãs durante a Segunda Guerra Mundial.<sup>6</sup> Uma das vozes mais corajosas fora da Palestina é a de Francesca Albanese, relatora especial da ONU para os territórios palestinos ocupados em 1967. Ela inicia seu recente relatório com a observação de que, “após cinco meses de operações militares, Israel destruiu Gaza”, e então passa a detalhar como cada pilar da vida em Gaza foi “completamente devastado”.<sup>7</sup> A imagem emblemática é a de uma casa toda destruída e sobreviventes cavando freneticamente os escombros. Se tiverem sorte, um menino ou uma menina cobertos de poeira podem ser retirados da massa de destroços. A estimativa agora é de que cerca de doze mil corpos

continuem debaixo das casas pulverizadas em Gaza, ainda por serem recuperados.

Essa não é bem a primeira vez que os palestinos passam por esse tipo de coisa, ainda que nunca antes na escala que vemos agora. O roteiro pode ser encontrado no Plano Dalet de 1948, que instruía as forças sionistas na arte de “destruir aldeias (incendiando-as, explodindo-as e plantando minas em seus escombros)”.<sup>8</sup> Durante a Nakba,<sup>9</sup> era comum essas forças invadirem vilarejos durante a noite e sistematicamente dinamitarem uma casa após a outra, com as famílias ainda dentro. Uma peculiaridade da experiência palestina é que isso nunca teve um ponto-final. O ato original de destruir as casas sobre a cabeça de seus habitantes se repetiu várias e várias vezes: em Al-Majdal em 1950, de onde as pessoas foram deportadas para Gaza; em Gaza, em 2023 e 2024; e, nesse meio-tempo, inúmeras outras vezes. Para citar apenas um exemplo, a descrição de Beirute em 1982, feita por Liyana Badr em *A Balcony over the Fakihani* [Uma sacada no Fakihani], com palavras que poderiam servir para qualquer um desses casos:

Eu vi montes de concreto, pedras, roupas rasgadas espalhadas, vidro quebrado, pequenos pedaços de algodão, fragmentos de metal, edifícios destruídos ou impossivelmente inclinados [...]. Poeira branca tragava o distrito, e através do cinza da fumaça assomavam os esqueletos dos quarteirões e os escombros de casas completamente acachapadas. [...] Tudo ali estava misturado. Carros de cabeça para baixo, papéis rodopiando no céu. Fogo. E fumaça. O fim do mundo.<sup>10</sup>

Esse é o fim do mundo que nunca termina: novos escombros são sempre despejados nos palestinos.<sup>11</sup> A destruição é a experiência constitutiva da vida palestina porque a essência do projeto sionista é a destruição da Palestina.

Desta vez, no entanto, ao contrário de 1948 ou 1950, a destruição da Palestina se desenrola em meio a um processo de destruição diferente, mas correlato: o do sistema climático do planeta. O colapso climático é o processo de destruição física de ecossistemas, do Ártico à Austrália. No

livro *The Long Heat: Climate Politics When It's Too Late* [O longo aquecimento: políticas climáticas quando já é tarde demais], a ser lançado em 2025, Wim Carton e eu discutimos em detalhes como esse processo agora se desenrola aceleradamente. É o caso da Amazônia, por exemplo, que se encontra em uma espiral de declínio que pode transformá-la em uma savana sem árvores. A floresta amazônica está de pé há 65 milhões de anos. Agora, em questão de algumas poucas décadas, o aquecimento global — junto com o desmatamento, o modo original de destruição ecológica — está empurrando esse bioma em direção a um ponto de inflexão que, se superado, levará à sua extinção. Na verdade, enquanto escrevo, muitas pesquisas recentes sugerem que ela está prestes a atingir esse ponto.<sup>12</sup> Se a Amazônia perdesse sua cobertura florestal — uma ideia aterrorizante, mas dentro das possibilidades de um futuro próximo —, seria um tipo diferente de Nakba. As vítimas imediatas seriam, é claro, os indígenas, ribeirinhos e outros habitantes da região, cerca de quarenta milhões de pessoas que, no cenário mais provável, veriam o fogo devastar a floresta e transformá-la em fumaça, vivenciando assim o fim de um mundo.

Às vezes, esse processo assume uma semelhança morfológica impressionante com os acontecimentos em Gaza, mesmo nas proximidades geográficas. Na noite de 11 de setembro de 2023, menos de um mês antes do início do genocídio, a tempestade Daniel atingiu a Líbia. Na cidade oriental de Derna, na costa do Mediterrâneo, a cerca de mil quilômetros de Gaza, pessoas foram mortas enquanto dormiam. De repente, uma força vinda do céu destruiu suas casas. Depois, relatos descreveram como móveis aleatórios e partes de corpos podiam ser vistos sob os prédios pulverizados. “Cadáveres ainda estão espalhados pelas ruas, e falta água potável. A tempestade matou famílias inteiras.”<sup>13</sup> Segundo um morador da cidade, foi “uma catástrofe diferente de tudo o que já vimos. Os moradores estão procurando os corpos dos familiares,

cavando com as mãos e com ferramentas agrícolas simples”.<sup>14</sup> Socorristas palestinos correram para o local. De acordo com um deles, “a devastação está além do que quer que se possa imaginar [...]. Você anda pela cidade e só vê lama, sujeira e casas demolidas. O cheiro de cadáveres está em todos os lugares. [...] Famílias inteiras foram apagadas do registro civil. [...] Você vê a morte por toda parte”.<sup>15</sup>

Durante sua passagem de 24 horas, a tempestade Daniel despejou uma quantidade de água cerca de setenta vezes maior do que a média para o mês de setembro. Derna estava localizada na foz de um rio que corria por um uádi [curso d’água sazonal] em direção ao mar, normalmente entre margens estreitas — isso quando corria. Era uma região desértica. Mas agora, de repente, o rio subiu, rompeu duas barragens e atingiu Derna; água, sedimentos, detritos formaram uma espécie de trator que arrasou e rugiu pela cidade no meio da madrugada de 11 de setembro — uma força de tamanha velocidade e violência que foi capaz de arrastar estruturas e ruas para o Mediterrâneo e de transformar o antigo centro em um pântano. Usando as refinadas metodologias atuais de previsão do tempo, os pesquisadores logo puderam concluir que o aquecimento global experimentado até agora havia tornado as inundações cinquenta vezes mais prováveis<sup>16</sup> — um código matemático para a causa do desastre. Apenas esse aquecimento poderia ter provocado aquele evento. Durante os meses de verão anteriores, a temperatura das águas ao longo da costa do Norte da África esteve nada menos que 5,5 °C mais quente do que a média das duas décadas anteriores. E a água quente retém energia térmica que pode ser carregada em uma tempestade como se fosse combustível em um míssil. Cerca de 11.300 pessoas foram mortas em uma única noite pela tempestade Daniel na Líbia — até agora o evento de matança em massa causada pelo aquecimento global mais intenso da década, possivelmente do século.

Essas cenas foram um prenúncio impressionante das que começariam a se reproduzir em Gaza 26 dias depois; mas havia também conexões diretas entre os dois lugares. Como as equipes de resgate de Gaza há muito estão acostumadas a lidar com esse tipo de destruição, logo se dirigiram a Derna para ajudar. Pelo menos uma dúzia de palestinos que haviam fugido de Gaza e moravam em Derna morreram nas inundações. Um palestino, Fayez Abu Amra, disse à Reuters: “Aconteceram duas catástrofes, a catástrofe do exílio e a tempestade na Líbia”<sup>17</sup> — a palavra árabe para catástrofe aqui, claro, é *nakba*. Então, de acordo com Fayez Abu Amra, a primeira Nakba foi a de 1948, que expulsou seus ancestrais e outros oitocentos mil palestinos de sua terra natal; sua família foi parar no campo de Dair Al-Balah, e em seguida alguns membros seguiram para a cidade de Derna para escapar das guerras de agressão israelenses; e depois veio uma segunda Nakba. Fayez Abu Amra perdeu vários parentes na enchente. Ele próprio sobreviveu porque optou por ficar para trás, em Dair Al-Balah, onde tendas de luto foram erguidas para as vítimas. E então veio, apenas algumas semanas depois, o genocídio. Só Deus sabe se Fayez Abu Amra ainda está vivo.

No entanto, enquanto reconhecemos as semelhanças e interligações entre esses processos de destruição, algumas diferenças significativas também saltam aos olhos. As forças que se abateram sobre Derna eram de natureza diferente das que bombardeiam Gaza. O semeador anônimo da morte que caiu do céu no primeiro caso não era uma força aérea, mas a saturação cumulativa da atmosfera com dióxido de carbono. Ninguém teve a intenção específica de destruir Derna, como o Estado de Israel tem a intenção expressa de destruir Gaza; não houve porta-vozes do exército anunciando o objetivo de “máximo dano”,<sup>18</sup> nenhum deputado do Likud<sup>19</sup> berrou: “Derrubem os prédios! Bombardeiem sem distinção!”.<sup>20</sup> Quando as empresas de combustíveis fósseis extraem seus produtos e os colocam à disposição para serem queimados, elas não têm a intenção de matar

alguém em particular. Mas sabem que essas commodities irão, sem dúvida alguma, matar pessoas — podem ser pessoas na Líbia ou no Congo ou em Bangladesh ou no Peru; para essas empresas, pouco importa.

Isso não é genocídio. No livro *Overshoot: How the World Surrendered to Climate Breakdown* [Ultrapassagem: como o mundo se rendeu ao colapso climático], a ser publicado em outubro de 2024,<sup>21</sup> Wim e eu fazemos um jogo com o termo “paupericídio” para nos referirmos ao que está acontecendo aqui: a expansão implacável da infraestrutura de combustíveis fósseis que ultrapassa todos os limites de um planeta habitável. O objetivo inicial do ato em si não é matar ninguém. O objetivo de extrair carvão, petróleo ou gás é ganhar dinheiro. Só que, uma vez que se sabe deliberadamente que essa forma de ganhar dinheiro de fato mata multidões, a ausência de intenção começa a ser subvertida. Como corolário das ideias básicas da ciência climática, esse conhecimento agora está mais ou menos universalmente difundido: os combustíveis fósseis matam gente de modo aleatório, cego, indiscriminado e fortemente concentrado nas comunidades pobres do Sul global; e matam em maior número enquanto o *business as usual* segue firme e forte. Quando a atmosfera está supersaturada de gás carbônico, a letalidade de qualquer quantidade adicional desse gás é alta e continua aumentando. As vítimas em massa são assim uma consequência ideológica e mentalmente processada — e aceita *de facto* — da acumulação de capital. “Se você está fazendo algo que está ferindo alguém, e sabe disso, está fazendo de propósito”, disse o promotor Steve Schleicher em sua argumentação final contra o policial Derek Chauvin, condenado pelo assassinato de George Floyd em Minneapolis, Estados Unidos; *mutatis mutandis*, o mesmo se aplica aqui. Na realidade, a violência da produção de combustíveis fósseis se torna mais letal e mais intencional a cada ano. Compare com um bombardeio no campo de refugiados de Jabalia, em Gaza, em 25 de outubro de 2023, que matou pelo menos 126 civis, incluindo 69 crianças.

O suposto propósito desse ato era liquidar um único líder militar do Hamas. Será que a ocupação israelense também tinha a intenção de matar os 126 civis, ou esse número de mortes foi apenas a insensível indiferença de sua parte a esse tipo de dano colateral massivo? Intencionalidade e indiferença se misturam aqui, assim como no front climático, ainda que este seja de uma qualidade diferente do front palestino — mas talvez a diferença esteja diminuindo.

Há momentos específicos de articulação entre a destruição da Palestina e a destruição do planeta? Por momentos de articulação, entendo pontos em que um processo impacta e forma o outro, em uma causalidade recíproca, uma dialética de determinação. Minha resposta é sim — de fato, tais momentos de articulação têm se concatenado em uma sequência bastante rigorosa por quase dois séculos. Por ser um aficionado por história, voltarei ao momento em que tudo começou: 1840. Os eventos daquele ano têm sido uma obsessão perene para mim. Eu os tenho mencionado aqui e ali, mas ainda não escrevi um relato coerente a respeito deles. Comecei essa pesquisa há onze anos, na reta final do meu doutorado, quando escrevi *Fossil Capital* [Capital fóssil],<sup>22</sup> e percebi que o tema exigia um estudo próprio, uma sequência com o título de *Fossil Empire* [Império fóssil]. Nas últimas semanas, retornei mais uma vez a esse momento da história com o objetivo de desenvolver uma análise pelo viés de longa duração (*longue durée*)<sup>23</sup> sobre o império fóssil na Palestina.

# O ANO DE 1840 FOI CRUCIAL PARA A HISTÓRIA DO ORIENTE MÉDIO

e do sistema climático, pois marcou a primeira vez que o Império Britânico empregou navios a vapor em uma grande campanha militar. A energia a vapor foi a tecnologia que deu início à dependência de combustíveis fósseis: os motores a vapor funcionavam com carvão, e foi sua difusão pelas indústrias da Grã-Bretanha que transformou aquela nação na primeira economia fóssil do mundo. Mas a energia a vapor nunca teria deixado sua marca no clima se tivesse ficado restrita às Ilhas Britânicas. Foi ao exportá-la para o resto do globo, lançando a humanidade em uma espiral de combustão fóssil em larga escala, que a Grã-Bretanha mudou o destino deste planeta: a globalização da energia a vapor foi uma faísca necessária. A chave para essa faísca, por sua vez, foi o uso de navios a vapor em guerras. Foi projetando violência que a Grã-Bretanha integrou outros países na estranha economia que havia criado — por meio da transformação, poderíamos dizer, do capital fóssil em império fóssil.

Naquele momento, a Grã-Bretanha era o maior império que o mundo já tinha visto, erigido pela supremacia naval, até então fundamentada na tradicional força motriz do vento. Nos anos 1820, porém, a Marinha Real começou a considerar a propulsão a vapor — ou seja, a queima de carvão em vez de navegação com o vento, uma vez que o vento, apesar de ser uma fonte “renovável”, como chamaríamos hoje, inesgotável e gratuita, tem de fato limitações bem conhecidas. Os capitães não podiam contar que o

vento soprasse como desejavam. No campo de batalha, os navios a vela podiam ser retidos pela calmaria, ou afastados de seus alvos por rajadas e tempestades na direção contrária, ou conseguiam avançar apenas lentamente. Caprichos do vento podiam dar ao inimigo oportunidades de fuga, reagrupamento, contra-ataque. Em ações militares, quando a mobilização de energia era necessária com mais urgência, o vento não era uma força confiável. O vapor obedecia a outra lógica; derivava sua força de uma fonte de energia que não tinha relação com as condições meteorológicas, ventos, correntes, ondas, marés: o carvão vinha de um estoque subterrâneo, um legado da fotossíntese com centenas de milhões de anos; e, uma vez trazido à superfície, podia ser queimado no lugar e na hora em que o proprietário exigisse. A força de ataque de um navio a vapor podia ser convocada a qualquer momento. Uma frota dessas embarcações poderia ser organizada conforme a vontade dos capitães — canhões apontados, tropas desembarcadas, inimigos perseguidos —, independentemente do vento. Essas liberdades foram enfatizadas pelo almirante Charles Napier, o defensor mais ferrenho dos navios a vapor na Marinha Real, que as resumiu de forma incisiva: “O motor a vapor torna o vento sempre favorável”, ou “O motor a vapor obteve um domínio tão completo sobre os elementos que me parece que agora possuímos tudo o que era necessário para tornar perfeita a guerra marítima”.<sup>24</sup> A conquista dos elementos foi, em última análise, uma função do perfil espaçotemporal dos combustíveis fósseis: como estavam apartados do espaço e do tempo da superfície da Terra, prometiam libertar o império das coordenadas segundo as quais os barcos haviam navegado desde tempos imemoriais.

A primeira vez que Napier teve a oportunidade colocar esse aperfeiçoamento em prática foi em 1840, nas costas do Líbano e da Palestina. Naquele ano, a Grã-Bretanha entrou em guerra contra Muhammad Ali. Ali era o paxá do Egito, nominalmente a serviço do

Império Otomano, mas na prática o governante de seu próprio reino, que, na época, estava em estado de guerra com o sultão. As forças de Ali haviam se espalhado a partir do Egito e conquistado as regiões do Hejaz e do Levante, formando um protoimpério árabe, em rota de colisão com a Sublime Porta e com Londres. A ascensão de Ali ameaçava derrubar o Império Otomano, cuja estabilidade e integridade, naquele momento, era considerada pela Grã-Bretanha como um ativo estratégico contra a Rússia. Se o Império Otomano se dissolvesse, a Rússia poderia se expandir para o sul e o leste em direção à colônia real da Índia. Portanto, Londres desejava apoiá-lo. A Grã-Bretanha foi levada a intervir contra Ali, digamos, pela rivalidade entre impérios, assim como — e não menos importante — pela dinâmica do desenvolvimento capitalista dentro da própria Grã-Bretanha. A indústria do algodão era sua ponta de lança, mas na década de 1830 ela havia avançado tanto em relação a todos os outros ramos que estava sofrendo com uma crise de superprodução: montanhas grandes demais de fio de algodão e de tecido saíam das fábricas. A demanda era insuficiente para absorver toda a produção. A Grã-Bretanha, portanto, estava desesperada por mercados de exportação; e, em 1838, felizmente, o Império Otomano concordou com um tratado de livre comércio absurdamente vantajoso, conhecido como Tratado de Balta Liman, que abriria os territórios sob controle do sultão para exportações britânicas essencialmente ilimitadas. O problema, no entanto, era que um número cada vez maior desses territórios estava passando a ser controlado por Muhammad Ali, que seguia uma política econômica oposta: a da substituição de importações. Ele construiu suas próprias fábricas de algodão no Egito. No final da década de 1830, elas haviam se tornado a maior indústria do ramo fora da Europa e dos Estados Unidos. O paxá não queria saber do livre comércio britânico. Por isso, instituiu tarifas, monopólios e outras barreiras protecionistas em torno de sua indústria de algodão e a promoveu de forma tão eficaz que ela passou a ter condições

de incursionar em mercados antes dominados pela Grã-Bretanha, tão distantes quanto a própria Índia.

A Grã-Bretanha odiou a situação. E ninguém a odiou mais do que lorde Palmerston, o secretário de Relações Exteriores e principal arquiteto do Império Britânico em meados do século XIX. Ele dizia: “A melhor coisa que Muhammad poderia fazer seria destruir todas as suas manufaturas e jogar suas máquinas no Nilo”.<sup>25</sup> Palmerston e o resto do governo britânico consideraram a recusa de Ali em aceitar o Tratado de Balta Liman como *casus belli*. O livre comércio tinha que ser imposto ao paxá e a todas as terras árabes que ele governava. Caso contrário, a indústria de algodão britânica permaneceria sufocada, sem os pontos de venda necessários para continuar se expandindo. Lorde Palmerston não escondeu os princípios de sua política externa. “Era dever do governo abrir novos canais para o comércio do país”; seu “grande objetivo” em “cada canto do mundo” era abrir terras para o comércio, e por isso era seu compromisso uma confrontação total com Ali.<sup>26</sup> O lorde ficou obcecado com “a questão oriental”. “De minha parte, odeio Muhammad Ali, a quem considero nada mais do que um bárbaro arrogante”, escreveu Palmerston em 1839. “Considero sua suposta civilização no Egito a mais pura farsa.”<sup>27</sup> Londres se tornou mais beligerante a cada mês. “Saiba”, advertiu ao paxá o cônsul-geral em Alexandria, “que está no poder da Inglaterra *pulverizá-los*”.<sup>28</sup> “Devemos agir de uma vez, rápido e bem”, aconselhou lorde Ponsonby, o embaixador britânico em Istambul; e “todo o vacilante edifício do que é ridiculamente chamado de ‘nacionalidade árabe’ desmoronará”.<sup>29</sup> Com tais palavras ecoando pelos corredores de Whitehall, lorde Palmerston ordenou que a Marinha Real reunisse seus melhores navios a vapor. No final do verão de 1840, um esquadrão de ponta partiu sob comando de Napier em direção a Beirute.

# O NAVIO FAVORITO DE NAPIER TINHA O NOME DE *GORGON*.

Impulsionado por um motor a vapor de 350 cavalos de potência, com espaço para 380 toneladas de carvão, 1.600 soldados e 6 canhões, era “o primeiro verdadeiro navio de guerra a vapor”, marcando “uma nova era”.<sup>30</sup> A bordo do *Gorgon*, Napier partiu para fazer o reconhecimento da área ao redor de Beirute, navegando pela costa a seu bel-prazer, em esplêndido desrespeito ao clima, e enviou um pedido urgente a seus colegas oficiais: “Vocês devem me enviar navios de carvão aqui *a todo custo*, pois navios a vapor sem carvão são inúteis”.<sup>31</sup> Em 9 de setembro, começou o bombardeio de Beirute. O *Gorgon* e outros três navios a vapor lideraram a ação, com mais quinze veleiros em formação ao seu redor. Com suas chaminés cuspidando fumaça, os navios a vapor tinham a distintiva capacidade de contornar a baía de Beirute de um lado para outro e acossar os defensores egípcios, comandados pelo filho de Ali, Ibrahim Paxá. Outros alvos também parecem ter sido atingidos. Depois de um dia de bombardeio especialmente severo, em 11 de setembro, o general local enviou uma carta de acusação à frota britânica:

Para matar cinco dos meus soldados, vocês arruinaram e trouxeram desolação a famílias; mataram mulheres, um bebê e sua mãe, um homem idoso, dois camponeses sem sorte e, sem dúvida, muitos outros cujos nomes ainda não chegaram até mim [...]. Seu fogo, eu digo, tornou-se mais vigoroso e destrutivo para os infelizes camponeses do que para os meus soldados. Vocês parecem decididos a se tornar senhores da cidade.<sup>32</sup>

Algumas fontes de Beirute afirmaram que cerca de mil pessoas foram mortas no bombardeio, seus corpos espalhados pelas ruas. A tripulação de um cruzador estadunidense relatou que “todas as construções, tanto particulares quanto públicas, estavam em ruínas, a frota inglesa disparava contra as poucas restantes e estava determinada a não deixar pedra sobre pedra, e a cidade apresentava uma cena de devastação e destruição”.<sup>33</sup>

Depois dessa façanha, os navios a vapor perseguiram as tropas de Ibrahim Paxá ao longo da costa. De Latakia, ao norte, passando por Trablus e Sur, até Haifa, ao sul, suas posições caíram como dominós, com os defensores recuando sob os ataques implacáveis e imprevisíveis. “O vapor nos dá uma grande superioridade, e vamos mantê-los em movimento”, exultou Napier. “Ibrahim deve marchar muito rápido se quiser vencer o vapor.”<sup>34</sup> Lorde Palmerston acompanhava satisfeito as notícias da linha de fogo, rapidamente enviadas a Londres por navios a vapor, e escreveu de volta: “Quanto mais força for acumulada na Síria, melhor”.<sup>35</sup> Em seguida, ele ordenou um ataque à cidade palestina de Akka [também referida como Acre]. Todos sabiam que a batalha decisiva aconteceria ali. Akka havia notoriamente resistido por seis meses contra Napoleão em 1799 e, depois, por seis meses em 1831, quando Ibrahim Paxá a cercara. Desde então, os egípcios haviam reparado as muralhas da antiga capital dos cruzados, armado suas defesas com canhões pesados e a guarnecido com milhares de soldados, reforçando a posição de Akka como a mais resistente fortaleza da costa do Levante. Com um grande arsenal, ela transbordava de armas e munições, a maioria estocada em um depósito central. Akka também era uma cidade próspera, com uma população civil que nada tinha a ver com questões militares.

Em 1º de novembro de 1840, o *Gorgon* e os outros três navios a vapor surgiram diante da cidade. Estavam sozinhos; os veleiros haviam sido retardados pelos ventos fracos. Napier exigiu a rendição dos egípcios.

Quando eles se recusaram, o bombardeio de Akka começou. Um relato descreveu a ação:

A utilidade de navios a vapor na guerra foi assim demonstrada: a divisão a vapor dos aliados, tendo chegado à baía, imediatamente começou a lançar tiros e bombas contra a cidade, o que deve ter incomodado muito a guarnição; embora devolvessem um fogo muito vigoroso, este era inofensivo, *pois os navios a vapor constantemente mudavam suas posições*.<sup>36</sup>

Na noite de 2 de novembro, o restante da frota de navios a vela chegou. Foi organizada uma linha de batalha propriamente dita. A mobilidade especial do novo modo de propulsão seria totalmente utilizada, com os navios a vapor formando a ponta central do ataque (figura 1).<sup>37</sup>

Na tarde de 3 de novembro, os navios a vapor retomaram o bombardeio de Akka e os outros navios se juntaram ao que foi, segundo Napier, “um fogo tremendo”.<sup>38</sup> Os defensores também lançaram seus próprios tiros. Após duas horas e meia, uma explosão ensurdecadora cortou o campo de batalha. Segundo um dos muitos relatos sobre o evento, de dentro de Akka,

uma massa de fogo e fumaça subiu repentinamente como um vulcão no céu, seguida de imediato por uma chuva de materiais de todos os tipos, que foram erguidos por sua força. A fumaça deteve-se por alguns momentos como uma imensa cúpula negra, obscurecendo tudo. O terrível estrondo foi ouvido acima do tumulto do ataque, e foi imediatamente sucedido pela pausa mais terrível. Os disparos de ambos os lados foram suspensos de repente, e por alguns minutos nada quebrou o silêncio assustador além dos ecos das montanhas que repetiam o som como um retumbar de trovões distantes, e a queda ocasional de algum edifício desmoronando.<sup>39</sup>

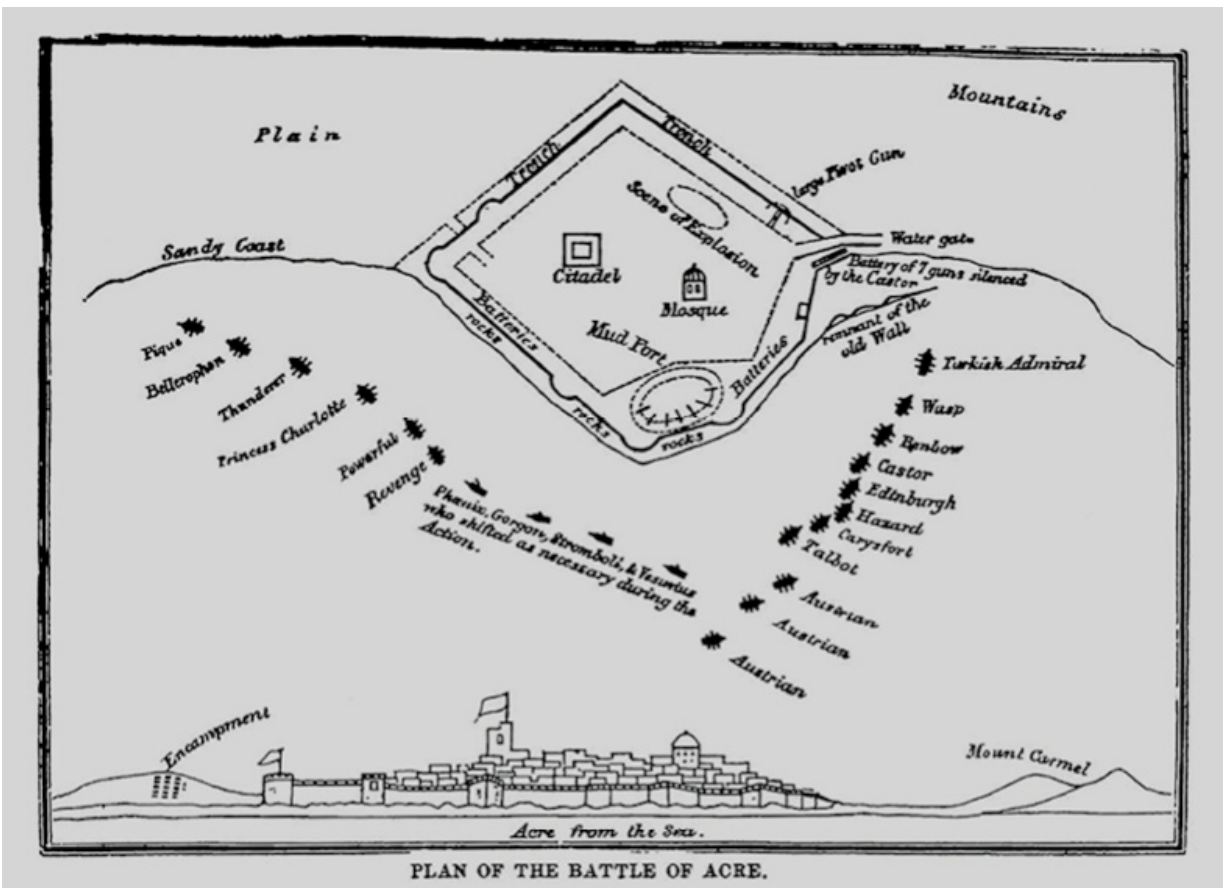


Figura 1. Mapa da batalha de Akka. (W. P. Hunter, *Narrative of the Late Expedition to Syria*, v. 1. Londres: Henry Colburn, 1842, p. 263.)

O grande depósito de pólvora de Akka havia sido atingido por um projétil. O *Gorgon* foi considerado o herói do ataque. Nas palavras confiantes de um capitão britânico, o “depósito de pólvora explodiu em consequência de um projétil bem direcionado da fragata a vapor *Gorgon*”.<sup>40</sup> Não podemos descartar que tenha sido um acerto acidental, mas os britânicos claramente conheciam a localização do depósito. Transmitindo informações atualizadas, lorde Minto, detentor da mais alta patente da Marinha Real, informou o comando em terra de que “há muita pólvora armazenada de forma muito insegura em Acre”, e apontou o arsenal como um alvo adequado em uma carta datada de 7 de outubro.<sup>41</sup>

A despeito do grau exato de intencionalidade, não há dúvidas quanto aos resultados do ataque do primeiro verdadeiro navio de guerra a vapor. A cidade palestina de Akka se transformou em ruínas. “Dois regimentos inteiros”, dizia um relatório enviado a lorde Palmerston, “foram aniquilados, e toda criatura viva dentro da área de sessenta mil metros quadrados deixou de existir; a perda de vidas foi estimada de modo variável entre 1.200 e 2.000 pessoas”.<sup>42</sup> Ao cair da noite de 3 de novembro, os poucos soldados árabes sobreviventes evacuaram suas últimas posições em Akka. Quando as tropas britânicas entraram na cidade no dia seguinte, foram recebidas por uma devastação total. “Cadáveres de homens, mulheres e crianças, enegrecidos pela explosão do depósito de pólvora e mutilados da forma mais terrível pelos tiros de canhão, estavam por toda parte, meio enterrados entre as ruínas das casas e fortificações: mulheres procuravam pelos corpos dos maridos, crianças pelos pais.”<sup>43</sup>

Em uma carta para sua esposa, o próprio Charles Napier expressou desconforto e talvez algum remorso: “Eu estive em terra em Acre para ver a devastação que causamos e testemunhei uma visão que nunca poderá ser apagada da minha memória, e que me faz, neste momento, quase tremer ao pensar nela”. Ele viu centenas de mortos e moribundos jazendo entre os destroços; “a praia, ao longo de quase um quilômetro de cada lado, estava coberta de corpos”; passados alguns dias, os cadáveres “empestavam o ar com um mau cheiro verdadeiramente horrendo”.<sup>44</sup> Mesmo em seu relato oficial em *The War in Syria* [A guerra na Síria], Napier admitiu que “nada poderia ser mais chocante do que ver os miseráveis desgraçados, doentes e feridos, em todas as partes dessa cidade devota, que foi quase inteiramente pulverizada”.<sup>45</sup> Os britânicos pareciam surpresos com a escala da destruição que haviam causado. Em uma carta para lorde Minto, outro almirante escreveu: “Não consigo descrever a Vossa Senhoria a completa destruição das obras e da cidade pelo fogo de

nossos navios”.<sup>46</sup> Um aspirante a oficial de um dos menores navios a vapor falou sobre mãos, braços e dedos despontando dos escombros.<sup>47</sup>

Quase esquecido hoje em dia, esse evento gerou um enorme fascínio na Grã-Bretanha do início da era vitoriana. A fortaleza que resistiu durante seis meses contra Napoleão caiu em menos de três dias sob os ataques dos navios a vapor — na contagem mais popular, menos de três *horas* de bombardeio concentrado em 3 de novembro. Foi uma demonstração sublime, imponente, milagrosa do poder da Grã-Bretanha como um todo e do motor a vapor em particular, representada em uma série de gravuras — como as figuras 2 e 3 (nesta última, um barco a vapor, possivelmente o *Gorgon*, aponta diretamente para Akka, e sua coluna de fumaça se interliga à gigantesca erupção do depósito de pólvora atrás das muralhas e dos minaretes: carvão em chamas, cidade em chamas). Em uma litogravura que supostamente representa a cena pelo ponto de vista dos defensores árabes (figura 4), a fumaça de um navio a vapor também se eleva na porção central, enquanto à esquerda a cidade inteira vai pelos ares.



Figura 2. John Frederick Warre, *The Bombardment and Capture of St. Jean D'Acre*, 1841, litogravura.



Figura 3. H. Winkles, *Bombardment of St. Jean d'Acre, 1840*, gravura.

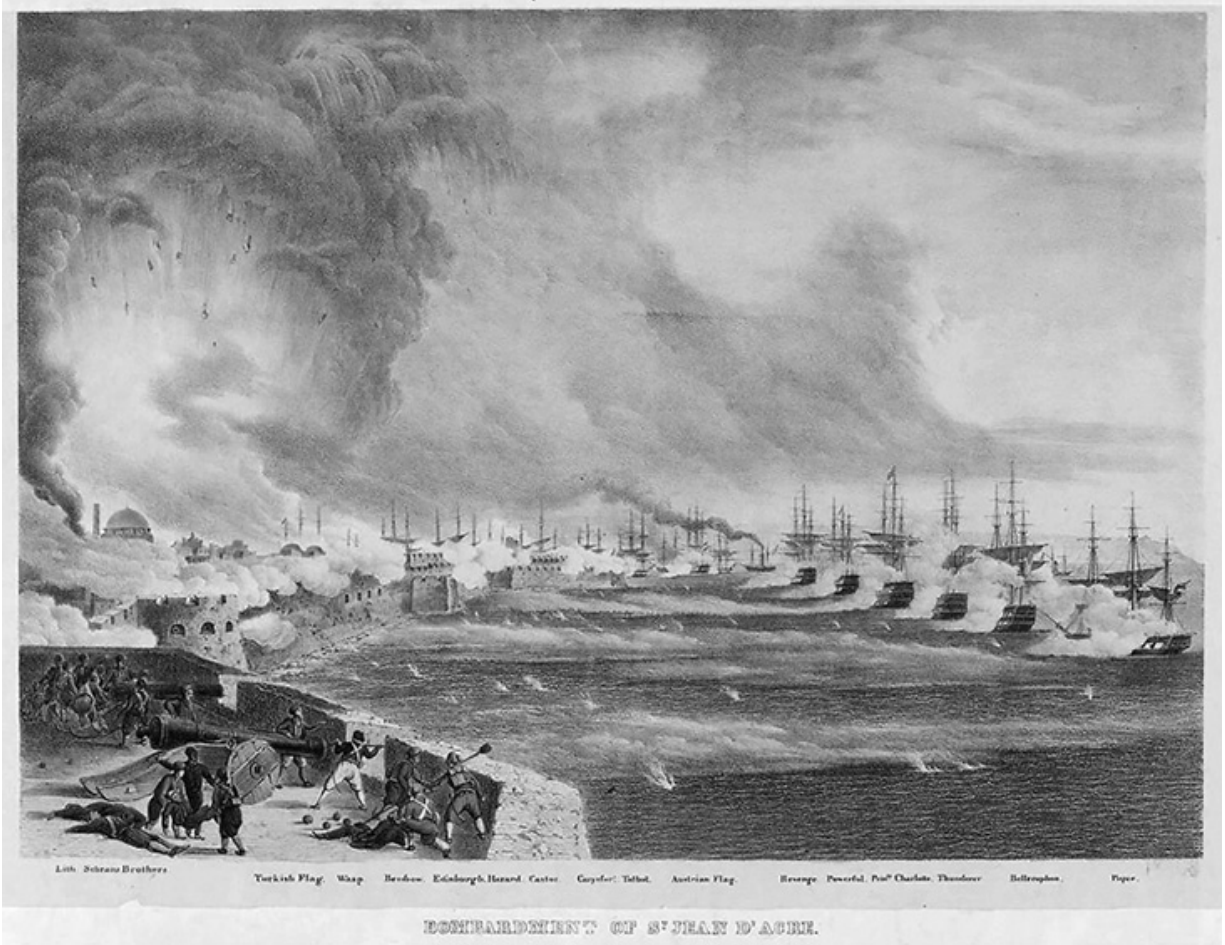


Figura 4. Schranz Brothers, *Bombardment of St. Jean d'Acre*, 1841, litogravura.

Embora a explosão tenha sido o ponto central, a ação foi além. Os vapores se utilizaram de sua capacidade de manobrar livremente pelas águas próximas das muralhas de Akka, disparando os projéteis a apenas quarenta metros de distância, depois recuando quando necessário. O bombardeio podia ser mais preciso e mais devastador, e continuou por quase três dias antes da explosão. Os britânicos usaram esse poder avassalador para atingir as forças de Ibrahim Paxá com a máxima precisão? Numa reconstrução recente do ataque, a mais detalhada, quatro pesquisadores israelenses escreveram: “O bombardeio foi direcionado à própria cidade. [...] Na realidade, o objetivo do bombardeio era forçar a

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A destruição da Palestina é a destruiç..."  
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).